

Director-Editor
FERREIRA DA SILVA

A quem deve ser dirigida toda a cor
respondecia

Endereço telegrafico
"ALGARVE" - Faro

Não se publicam originaes, sem ou na
publicações, e não se accitam informações
anonimas

Redacção e administração
Rua de Alportel n.º 27

O ALGARVE

SEMANARIO INDEPENDENTE

Domingo, 20 de março de 1921

ASSINATURAS

Pagamento adiantado

Portugal, lhas e Hespanha 6 mezas... 119

Colonias e Estrangeiro... 2100

OMUNICADOS E ANUNCIOS

3.ª e 4.ª pagina, cada linha \$1

Nas outras paginas, contrao
especial

Composto e impresso na Typo-
grafia d'Algarve,
RUA DE ALPORTEL, N.º 28 - FARO

Uma exposição internacional A que o Algarve deve concorrer

Encontamos ha pouco tempo
num diario da capital, a seguinte
noticia:

O consul portuguez em Madrid
informou o nosso governo de
que se está organisando na
cidade uma exposição universal
de productos agricolas e alimen-
tares a realizar-se de 5 a 20 de
junho proximo, sendo de opinião
que o commercio portuguez deve
fazer-se representar, expondo,
principalmente cacau, conservas
e vinhos licorosos.

E' esta uma novidade que de
forma alguma pode deixar indif-
ferentes os agricultores portugue-
zes, e em especial os que residem
no Algarve e no norte do paiz.

Produzem-se nesta região os
mais interessantes e saborosos
frutos, tais como a laranja, o pe-
cego, a pera, a ameixa, a nespeira,
isto além dos que são caracte-
rísticos da provincia, como se-
ja o figo e a amendoa.

Uma escolha selecta dessas
variedades, reunindo ao mesmo
tempo as nossas melhores e mais
acreditadas marcas de conserva-
das, tanto em sardinha como em alum,
chicharro, cavala, etc., seria uma
forma das mais praticas e efi-
caces para propagar os productos
algarvios que hoje rivalisam com
o que ha de melhor, não só em
muitas das regiões do paiz como
até do estrangeiro.

Para esse efeito, porém, neces-
sário se torna que entre nós se
estudem os processos de desen-
volvimento de pomares e de em-
balagem de frutos.

Se aqueles se encontrassem á
altura de produzir variedades de
castas, bem adaptadas e seleccio-
nadas, se na embalagem da mer-
cadoria se adoptassem processos
modernos que dessem á fruta um
bom aspecto e que tivessem como
consequencia fazer chegar a fruta
ao ponto de destino em perfeito
estado de conservação, com caixas
aparatosas, o fruto bem embu-
lhado em papel de seda, etc.,
os mercados estrangeiros abri-

se-hão para receber sem reserva
os nossos frutos, e a provincia
colhará dessa acção novas e
valiosas vantagens.

Pelo que respeita a conserva-
das, uma vez invadidos os mercados
com marcas de confiança e de boa
fabricação, poderemos retomar o
logar ingloriamente perdido pelos
factos que detalhadamente ficam
descritos no numero passado
deste jornal e neste mesmo logar.

A feira effectua-se de 5 a 20 de
junho proximo. E' tempo mais
que sufficiente para os nossos
agricultores e industrias prepara-
rem as suas coisas e concorrerem
ao interessante certamen.

Será essa uma prova de que
nesta paiz existe ainda o desejo
de trabalhar e de progredir.

A Associação Commercial e In-
dustrial de Faro, como obediencia
ao seu programa e á necessi-
dade de concorrer para o pro-
gresso da provincia, o mesmo é
que dizer pelo progresso de
Portugal, póde e deve intervir
 neste sentido, de forma que a ex-
posição de Madrid compreenda
um numero regular de concorrentes
do nosso paiz, e em especial
da provincia do Algarve que bem
póde por essa forma demonstrar
quanto vale.

Com esse exemplo de auten-
tico patriotismo terminemos com
a anomalia tanta vez repetida, de
se realizarem continuas exposi-
ções estrangeiras em que os pro-
ductos portuguezes brilha pela
ausencia!

APRENSÕES

Tem-se do apreendidos em Lis-
boa varios nosos colegas da im-
prensa diaria, como sejam A Epoca,
O Tempo e A Monarquia.

Contra esse violento proceder
da autoridade lavramos o no-so
protesto enviando aos referidos
colegas o preito da nossa solida-
riedade.

Se em Portugal existe uma lei
especialmente destinada a punir
os chamados delictos de liberdade
de imprensa, porque se usa e
abusa da illegalidade das apre-
nsões?

ECOS DA SEMANA

Significativo...

O deputado socialista sr. Dias
da Silva recebeu ultimamente dum
grupo de quinze preços do regi-
mento de sapadores imperios uma
mensagem solicitando a sua inter-
ferencia junto da Câmara dos De-
putados no sentido de lhes se em
contatada as respectivas par-
tes, essa mensagem tem a particu-
laridade especial de ser encaabe-
da por um ministro desenhado á
pena representando o exterior da
sombria prisão duma das nossas
fortalezas.

Significativo, não é verdade? E
poderão existir ainda creaturas que
vacilem em atender esse clamor
de justiça?

No bom caminho

O nosso colega Diário de Noti-
cias de Lisboa, vae recomeçar em
breve as conferencias inter-pro-
vincias, versando os mais importa-
ntes e interessantes assuntos de va-
lor nacional.

Sabido o exito e a utilidade que
resultaram dessas conferencias, de
esperar é que da mesma forma se
continue manifestando. Para isso
fazemos os nossos melhores votos.

DE RASPAO

A arte no negocio

A expansão commercial destes
últimos anos trouxe como consequencia
logica a maior expansão nas
formas do negocio, aperfeiçoando-se
estas num sentido rigorosamente ar-
tístico e moderno.

O commerciante desta epoca não é
já o commerciante antigo que apenas
pensava em vender e comprar. Va-
muis alem. Para esse desiderata tem
empregado os processos racionáveis
de anuncio, de forma de vender, de
redacção de correspondencia, de or-
namentação de vitrinas, de arguivos,
etc.

Em França, como nos Estados
Unidos e em Inglaterra, esses proces-
sos modificam-se de dia para dia
dando até origem á publicação de
interessantes revistas de especialida-
de, entre as quais sobresam, Mon
Bureau e Commerce e Industrie de
que temos presentes alguns numeros.

Nossas publicações reflectas de ul-
timas decenas de paginas e varia-
das gravuras expõem-se desenvolvi-
mentos aquelles principios e pre-
cisando as formas novas de des-
cubrir aquillo a que pu-lemos chamar
a sciencia commercial.

Desta forma o commerciante deve
de ser o velho egoista e a outra ideal
que não seja o cofre, e sem outra
preocupação que não seja vender,
para ser o homem moderno de ideal
vasto e de aspirações modernas... S.

NOTAS

COMENTARIOS

Realisaram-se no sabado e do-
mingo da passada semana duas
sessões de propaganda do Cong-
resso Regional Algarvio.

Pretende a comissão de Lisboa,
de que faz parte o infatigavel
trabalhador sr. dr. Agostinho Lu-
cio, que veio de os acompanhados
do grande amigo do Algarve
sr. Ludvíco de Menezes, le-
var a effecto o 2.º Congresso Re-
gional, ha tanto annunciado.

Assistimos a essas sessões de
propaganda, onde a comissão cen-
tral deu conta das diversas difficul-
dades que teem surgido para a
effectivação do Congresso.

E' absolutamente verdade que o
povo algarvio e, o que é mais, a
mentalidade do Algarve se tem
desinteressado desse assunto de
capital importancia para a nossa
provincia.

E, pois, natural que todos te-
nhamos reconhecido o erro da
nossa indolencia e que desta vez a
realização do Congresso seja um
facto prestes a consumar-se.

Mas... a nosso ver, a comissão
de Lisboa escolheu mal a epoca
para a realização do Congresso.
O tempo das amendoeiras floridas,
será muito bom para deliciar a
vista dos nossos visitantes e ins-
pirar os nossos poetas; mas não é,
de modo nenhum, a epoca pró-
pria para um congresso dessa na-
tureza. Setembro ou outubro, apro-
priando os dias de feira, a con-
corréncia á nossa cidade, a abun-
dancia de frutos, etc., são, incon-
testavelmente, os mezes indicados
para esse fim. Estamos certos que
a comissão de Lisboa não deixará
de pensar no assunto e o resolverá
a contento da provincia.

Outro erro foi o da nomeação
de muitas comissões e da preocupa-
ção de muitos nomes.

Quanto mais são, menos fazem;
é um ditado já muito gasto, mas
muito cheio de verdade.

Não temos em vista, com os
nossos comentarios, outra cousa
que não seja o facilitar a reali-
zação dum bom e aproveitavel
Congresso Regional, inicio dum
era nova para esta linda e encanta-
dora provincia do Algarve.

Manoel Caetano do Sousa

Manoel Dias Sancho

Cambios e Papeis de Crédito,
compra e vende ao melhor.

Concluidas as obras d'ampli-
ação do seu escriptorio iniciará
todas as operações bancarias
nesta praça.

Carta de Lisboa

A procura dum ministro da agricultura—Novo atentado—A greve dos
trabalhadores de jornaes

Aquele ministerio da agricultura
tem sido para os homens da repu-
blica um verdadeiro martiro.

Desde a sua criação que o per-
segue a infelicidade... A parte a
instabilidade governamental que
se tornou entre nós, numa coisa
verdadeiramente normal, o que d-
em resultado uma manifesta im-
proficuidade na acção dessa pa-
ra que, de resto, devia ser em abso-
luto estranha á politica vésiga dos
partidos e das intrigas, a cadeia
desse ministro tem estado quasi
sempre sem conhecer o seu auten-
tico possessor, pois é quasi sempre
ocupada por substitutos que em
varios ministerios vem a tornar-se
em effectivos.

Novamente essa crise se mani-
festa no actual gabinete Bernardino
Machado. Tendo sido recusada a
cooperação nesso pasta do ante-
rior ministro João Gonçalves (ao
que se opoz também e terminan-
tamente o commissario dos abaste-
cimentos), e não se encontrando
pessoa idonea tem gerido interina-
mente esse encargo o actual presi-
dente do ministerio.

Como é natural, a acção do mi-
nisterio da agricultura, que em via
de regra costuma ser minima, se-
não quasi nula, está assim bastan-
te alterada, limitando-se a micro
expediente, isto no momento espe-
cial que travessamos em que
essa acção mais devia fazer-se
sentir.

Tem-se falado nestes ultimos
dias na provavel nomeação para
aquella pasta do sr. Costa Junior,
antigo ministro do trabalho e de-
putado socialista, hoje deputado
independente. Atribue-se até uma
certa importancia, como justifica-
ção do boato, á circumstancia des-
se sr. ter-se occupado numa sessão
parlamentar unicamente de assun-
tos agricolas, o que parecia uma
indicação para a sua candidatura
á referida pasta.

Não sabemos o que ha de posi-
tivo a este respeito, mas parece-
nos que ao sr. dr. Bernardino
Machado não terá passado pela
cabeça uma ideia tão extravagante
a não ser que seja verdadeira-
mente incompetavel o seu desejo
de se libertar do ministerio da
agricultura...

Somos antigo amigo do sr. dr.
Costa Junior e com ele passámos
até bels momentos de palestra,
de propaganda e de convívio.

Admiramos muito as suas qua-
lidades de medico especialista em
doenças d'olhos, concordamos em
que lhe não são extranhos os mais
complicados problemas sociais, fa-
zemos justiça ao seu belo caracter
e á sua grande intelligencia. Pe-
rém, a par disso, recorremos
que de forma alguma pode vir a
ser um bom ministro da agricultura.
Para aquella pasta, entendemos
nós, só deve ser nomeado quem, a
par dum diploma de agronomo
distinto, possua também conoci-
mentos praticos do ramo agricola.
Serviria neste caso um dos lavra-
dores que nós temos espalhados
no remanso das suas herdades,
homens que por vezes manifestam
a sua invulgar intelligencia e espe-
ciais conhecimentos da industria
agricola.

Esses, trazidos para a vida pu-
blica, com um ambiente proprio e
uma independencia propria, dariam
belos cooperadores para aquele
efeito. Mas isto deve realisar-se...
lá para a anno de 2.000...

Porque o tribunal de defeza so-
cial tem sido o alvo de todos os
insultos e de todos os odios dos
elementos impropriamente chama-
dos «avançados», foi ha dias agre-
dido a tiro quando pacatamente
regressava a sua casa, o sr. dr.
Ferreira de Sousa, vogal daquele
tribunal, caso que no dia seguinte
ao succedido lhes telegrafi.

Graças á rara energia de que o
defensor da «justiça burgueza»
(como lhe chamam os partidarios
do regimen sovietista que deu
mostras de maior ferocidade que
o feudalismo), soube usar, e que
tão bem constata com a cobardia
de quem o agrediu pelas costas,
o sr. dr. Sousa apenas ficou ferido
e póde portanto continuar cum-
prindo o seu dever em defeza da
Civilização.

Entretanto que os «avançados»
mudem de tactica porque jámais
uma ideia se radicou no espirito
publico a tiros de pistola...

Vae fazer dois mezes que se
arrasta sem solução, nem esperan-
ças disso, a greve dos trabalhado-
res de jornaes.

O caso veio já para a sala do
Parlamento, e a proposito dele
bordaram-se considerações que
em extremo puzeram em cheque
as empresas jornalisticas. Os gre-

Cine Teatro Farense

Os Fidalgos da Casa Mourisca

Grande film português

Que será exibida nos dias 22 e 23
Sumula do romance

PRIMEIRA JORNADA

Em Vilar de Corvos, pitoresco rincão minhoto, havia um solar de
construção antiga, conhecido por o nome de Casa Mourisca. Na epoca
em que se passa o romance, tres eram os moradores do solar, coshe-
neiro por fidalgo da Casa Mourisca: D. Luiz, viuvo, sexagenário,
taciturno e austero; Jorge e Mauricio, seus filhos, robustos e esbeltos
rapazes, o mais velho dos quaes, Jorge, ainda não tinha 23 anos.
D. Luiz era filho segundo duma das mais nobres familias da provincia.
Elegante, instruido, intelligente, fóra destinado á carreira diplomatica,
percorrendo as principais côrtes da Europa. A data da revolução li-
beral, voltou a paiz defendendo a causa realista e perseguindo feroz-
mente alguns adversarios entre elles o irmão mais novo de sua mulher.

Trinfante o liberalismo, D. Luiz retirou para a sua casa da pro-
vincia, com um cortejo de correligionarios, que lhe esbojaram a fortuna
na. Segue-se agora uma serie interminavel de catastrofes. Morrem lhe
tres dias mais velhos. Os correligionarios, vendo a decendencia da
casa, abandonam o pouco a pouco, ficando apenas em sua companhia
frei Januario, egresso, que era o seu procurador. Pouco depois, morre
a esposa de desgostos. Mais tarde, uma filha de 16 anos, Beatriz, que
era o encanto da sua velhice e o enlevo dos irmãos, faleceu também.
O espirito fidalgo enche-se de trevas, o solar cobre-se de crepes. Naque-
la noite, brilhava apenas a juventude exuberante dos filhos que, não
podendo seguir uma profissão adequada, devido ao orgulho desmedido
do paiz, que não contemporizava com o novo estado de coisas, dis-
trahiam a ociosidade em passeios e caçadas. Jorge era um espirito fru-

dente e reflectido; Mauricio, volúvel, requestando todas as mulheres
bonitas. O primeiro viu cedo a ruina da casa, o segundo só tarde deu
por isso.

Perito do solar havia a propriedade mais próspera dos arredores, a
Herdade, perfeito contraste com a Casa Mourisca. Pertencia a Tomé da
Póvoa, antigo criado do fidalgo e tipo completo de fazendeiro, trabalha-
dador, honrado; bom chefe de familia. O fidalgo cortava raias d'os com
ele, a pretexto duma questão de aguas, mas os verdadeiros motivos
da sua prosperidade, Jorge, que trabalhava muitas vezes nessa
propriedade, visita um dia Tomé, que o recebe de braços abertos e
lhe conta a sua vida, em que triunfara pela sua honradez. Regressando
ao solar, cheio de esperanças pelos conselhos e promellida ajuda de
Tomé, Jorge pede informações sobre a administração da casa a frei
Januario, que atribui todos os males ao regimen liberal, assunto cons-
tante das suas conversas. Resolve depois falar ao paiz, participando o
facto ao irmão, que o aplaude e acompanha. O velho venicio pelos
seus argumentos e sisudez, entregalhe o governo da casa; facto que
irritou profundamente o egresso. Apesar das intrigas, porém, Jorge
domina-o e inicia a sua obra de restauração, guiado por Tomé, a quem
visitava muitas vezes, de noite, ás escondidas.

A filha mais velha de Tomé, Berta, estava a educar em Lisboa, em
casa da madrinha, pertencente a uma familia nobre do Porto, mas em-
pobrecida, que se fizera educadora de meninas. Um dia, Tomé recebe
uma carta da filha dizendo que a madrinha morrerá repentinamente
e que deseja voltar para casa, para ajudar a mãe a educar os irmãos.
Jorge, que já a amava em segredo, pelas cartas que Tomé lhe dava a
ler, teve receos de se encontrar, e concepe por mostrar-se-lhe indifere-
nte, quasi hostil, querendo-lhe mal, por lhe querer bem. Berta, que fó-
ra compãtira de infância dos filhos do fidalgo, encontra-se no re-
gresso com Mauricio, que logo se deixa prender dos seus encontros. Ela
compreende em breve que precisava de se precavar contra aquelle amor.
Jorge, por seu lado, occultando embora a paixão, sente-se cada vez mais
eleado, esmorece na obra empreendida, chega a ler ejunios do irmão
e conta Berta a filha do seu pai.

O fidalgo tinha escrito a uma sobrinha rica de Lisboa, viuva, a ba-
roneza de Souto Real, pedindo-lhe que procurasse uma occupação para
Mauricio, sem a encindir para os seus principios aristocráticos. Ela re-
ponde, prometendo uma visita á Casa Mourisca. Mauricio era compa-

neiro de folganças dos fidalgos do Cruzeiro, seus primos, brigões, as-
sombrados, de maus instintos, de velleidades das leis e com os bens
arruinados. Clemente, filho de Ti'Ana do Vêdor, ama dos filhos do fi-
dalgo, era o regedor da freguezia e embriava com os do Cruzeiro, com
quem tinha quasi-stores frequentes. Um era o morgado, outro doutor, de-
pois de 10 anos de Coimbra, o outro padre, corrido pelo povo duma
freguezia proxima. Sabendo dos amores de Mauricio, visitam Berta em
sua companhia, invadindo a herdade, mostrando-se grossos e vendo-
se Tomé obrigado a escorrer-lhos. A instancias desta, Jorge pede a
Mauricio que não persiga Berta, o que elle promete. Passados dias
chega Gabriela, a baroneza, mulher elegante, triata anos bem conser-
vados, intelligente, gostando do luxo, mas séria e bondosa. Os seus
planos generosos de salvar aquella familia caíram logo por terra. Desam-
dando todos os parentes incluindo os do Cruzeiro. Estes, certa noite,
na volta duma esfolhada, viram Jorge sair da casa de Tomé. Conven-
ceram Mauricio de que Berta recebe um amante. Na vespera do ban-
quete fazem espionagem e Mauricio vê-se em frente de Jorge. Ha uma
sena violenta em que Mauricio se atreve ao seu procedimento. Mas os
do Cruzeiro não desistem, e os supostos amores de Jorge foram no
dia seguinte divulgados por todos os parentes que o fidalgo convidara
O banquete corre animado. Aos brudes, já ebrio, o padre do Cruzeiro
faz uma saude a Tomé e a Berta. Jorge percebe a intenção e apara-lhe
o golpe, explicando todos os seus actos. Espanto geral. Grande indigna-
ção do fidalgo, que despede todos os hospedes e resolve sair do solar
nessa mesma tarde, pedindo hospitalidade a Gabriela e indo entregar
acampado de frei Januario, as chaves da casa a Tomé, que conside-
rava agora dono dos seus bens. Como elle não estava, entrega as cha-
ves a Berta, cujo presença o comove profundamente, por lhe recordar a
filha morta. Depois recolhe á quinta dos Baceios, pertencente á barone-
za, entrega de novo a procuração a frei Januario e retira a administra-
ção da casa a Jorge, que se hospeda num pavilhão, ao fundo da quinta.
Em conversa, porém com a baroneza e Jorge, o egresso resolve fazer
apenas «officio de corpo presente» e consentir que Jorge continue admi-
nistrando.

Tomé, irritado com a attitude do fidalgo, procura-o, restitue-lhe as
chaves e castiga, rude mas altivamente, o seu procedimento. Como o ve-
lho não deseja de proposito tal outra vez se encheva, furado, qd

vistas com a sua mantendo-se e o seu orgão publica-se regularmente...

Neves e sua neta sr. D. Maria Cristina. Estiveram em Lisboa o sr. dr. Samora Gil e sua esposa, de Monchique.

Bibliografia POVOA DE VARZIM—A sua verdadeira etimologia. E' uma brochura de cerca de trinta paginas...

de r. Baptista de Lima merece ser lida e esutada por quantos se interessam pelos problemas...

Juan Calle Afinador e reparador de pianos da casa Lambertini de Lisboa. Acaba de chegar a esta cidade...

Teatros e Clubs Com desusado aparato, subiu a scena das dias 15 e 18 a revista...

Festividades religiosas Com grande concorrencia de fieis que por completo encheu o templo...

HA 44 ANOS D' O Districto de Faro de 15 de Março de 1877. Foi hontem definitivamente aprovada pela Junta geral do districto...

Baptista de Lima é um escritor de largos recursos, dividindo a sua actividade mental pelos serviços da Bibliotheca e Museu Municipal...

CONGRESSO ALGARVIO Na noite de sabado e na tarde de domingo passado tiveram loga duas sessões de propaganda do futuro congresso regional algarvio...

Camara Municipal de Faro Venda de terrenos A Comissao Executiva desta Camara faz publico que perante ella, nos Paços do Concelho...

Fazem-se Fogões De todos os tamanhos construidos de raiz, soltos, perfeitos e economicos. Preços sem competencia.

Na quinta feira bañu do mesmo templo a procissão das Dores que seguiu pelas ruas de transito no melhor ordem...

Na nossa local do numero passado sobre o bazar que funciona na capital informamos, por falta da devida informacao...

Como investigador, o seu presente trabalho impõe-se a nossa consideração e, embora inicialmente publicado para vulgarização popular...

O sr. dr. Agostinho Lucio fez a historia detalhada do grande numero de contrariedades que a comissao de Lisboa tem encontrado para a effectivação deste congresso...

GASA PORTUGAL DE MÁRIO V. RÓQUE R. D. Francisco Gomes, Faro. Grande sortido em fazendas de lã, algodão e seda.

NOTICIAS PESSOAES Retiraram para Lisboa os srs. dr. Agostinho Lucio, engenheiro Rodan e Pego e Magalhães Barros. Estão nesta cidade a sr. D. Maria da Fonseca Rodrigues...

Tomaram parte nesta brilhante festa a esposa do sr. Boto, a sr. D. Maria Augusta Negrão, a sr. D. Maria Albina Toscano, a sr. D. Gulomar Chrispim, a joven filha do sr. chefe da secção telegraphica...

Subscrição para se levar a efeito o levantamento das tradições procissões de Faro. Transporte..... 220\$50 Viegas Loure & C..... 50\$00

Em fim, a pequena brochura pedir para ele a mão de Berta, ao que accedeu contrafeito, sendo então que, num momento em que se encontraram sós...

VERISSIMO & C. IRMÃO AVENIDA DA REPUBLICA 15 FAHO Ferragens, drogas, ferramentas industriaes e agricolas.

SEGUNDA JORNADA Entretanto, Berta tentava visitar o quarto de Beatriz, na torre do solar. Tem receios e desiste por tres vezes. Numa dessas idas...

Trespasse Por motivo de retirada para Lisboa faz-se o trespasse da parte de um socio, dum estabelecimento de mercearia, papelaria e meudezas...

O film termina no momento em que Jorge, depois de autorisado o casamento, chama Berta junto do leito do enfermo, entrando de rodão no quarto toda a mais familia...

A baroneza e Mauricio, já casados, voltam á quinta dos Barcelos Alorna toda a gente a sauda do velho. Chamam Berta de novo para a sua cabeceira...

Calçado ao preço das fabricas Vendas por grosso e a retalho EMPRESA FARENSE DE MADEIRAS DE CONSTRUÇÃO, L. da RUA DE S. PEDRO, 20